

800 anos de presença franciscana em Portugal

por

Saul António Gomes

(Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

A 5 de maio de 1217, Francisco de Assis celebrou com os seus irmãos no hábito o capítulo geral da Porciúncula. Nesse capítulo tomaram-se decisões que se revelariam estruturantes na afirmação da nova Ordem dos Menores. Nele se aprovaram, efetivamente, as primeiras missões para além dos Alpes e do ultramar. O próprio fundador da Ordem vinha dando sinais, havia já alguns anos, de querer partir para lá das fronteiras itálicas. Fá-lo-á, como se sabe, dois anos mais tarde, em 1219, embarcando, em Ancona, com destino a S. João de Acre e a Damietta, avistando-se com o sultão do Egito em outubro desse ano de 1219, após o que se dirigiu em peregrinação aos lugares da Terra Santa.

Francisco nasceu por 1181. Contava, assim sendo, no momento do capítulo da Porciúncula, 36 anos de idade. Os seus ideais evangélicos estavam já muito amadurecidos desde que, em 1205, se sentira interpelado pelo chamamento de Deus à missão de «reparar a Igreja que cai em ruínas», cortando radicalmente com o seu modo de vida ao vestir, no Verão de 1206, o hábito dos eremitas¹.

Francisco trabalhou entusiasticamente nos meses seguintes, na reparação material da igreja de S. Damião e de outras capelas. Procurava, no seu espírito inquieto, novos sinais do seu destino de servo de Deus. O dia 24 de fevereiro de 1208, festa de S. Matias, parece ter sido muito favorável às suas inquietações. É possível que a leitura do Evangelho, nesse dia, tenha caído no texto de S. João 15, 9-17, texto de apelo ao anúncio universal da Boa

¹ São diversas as *vitae*, as *legendae*, as hagiografias e as biografias dedicadas a Francisco de Assis, quer já nos tempos medievais, quer na atualidade. Entre as primeiras, remetemos para as fontes e textos compilados em *Fontes Franciscanas. I. S. Francisco de Assis. Escritos. Biografias. Documentos*. 2ª edição. Braga: Editorial Franciscana, 1994. Entre as biografias devidas a historiadores recentes, retemos as obras seguintes: CARDINI, Franco - *São Francisco de Assis*. [Tradução de Carmen de Morais Sarmiento]. Lisboa: Editorial Presença, 1993; LE GOFF, Jacques - *São Francisco de Assis*. [Traduzido por Telma Costa]. Lisboa: Teorema, 2000; VAUCHEZ, André - *Francisco de Assis. Entre História e Memória*. Lisboa: Ed. Piaget, 2013; THOMPSON, Augustine - *São Francisco de Assis. O homem por detrás da lenda. Uma nova biografia*. [Tradução de Luís Santos]. Alfragide: Ed. Casa das Letras, 2012.

Nova, o qual se revelou decisivo na consciencialização íntima da vocação evangélica de Francisco:

«Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Como meu Pai me amou, assim também eu vos amei. Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu guardei os mandamentos do meu Pai e permaneço no seu amor.

E eu vos disse isto, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena. Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida pelos amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, pois o servo não sabe o que faz o seu senhor. Eu vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai.

Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e para que produzais fruto e o vosso fruto permaneça. O que então pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo concederá. Isto é o que vos ordeno: amai-vos uns aos outros.»

Tenha sido este excerto do Evangelho, ou outro, que Francisco escutou, a verdade é que Francisco se sentiu interpelado, encontrando o lema definitivo da sua vocação, a «amizade» entre todos os homens, o «amor» de Deus para com os homens, a «alegria plena» de Deus, o «amor maior de dar a vida pelos amigos». Tornou-se claro, então, para o *Poverello*, que o caminho a seguir era o da missão *ad gentes*, a missão dos escolhidos de Jesus Cristo «para irdes e para que produzais fruto e o vosso fruto permaneça». Francisco assume, agora, na pobreza da sua túnica de burel, cingida por uma corda, a plenitude de uma vocação, que se revelava na imitação de um Cristo pobre, todo Ele dispensador de graça, de «amor» e de esperança.

Francisco já não pregará o Evangelho sozinho.

Entretanto juntaram-se-lhe Bernardo de Quintavalle, Pedro Catânio e Gil de Assis. As missões por eles desempenhadas atraem novos companheiros, percorrem, agora, dois a dois ou em grupo, as terras da Marca de Ancona, do Vale de Rieti. Em 1209 eram já onze, acabando por eleger a Porciúncula como lugar central do seu apostolado. Une-os a comunhão nos valores da pobreza evangélica, da oração e também do apostolado eclesial; sensibiliza-os a multidão de pobres e de necessitados que se dirige a cidades à procura de hospitalidade e pão.

Em 1212, na noite de Domingo de Ramos, Clara recebe o hábito das mãos de Francisco: pobreza, oração, penitência. Entretanto, a hierarquia da Igreja

repara em Francisco e na sua comunidade de irmãos que vai em crescimento. Ao contrário de outros movimentos evangélicos populares, críticos dos «príncipes» e dos «apóstolos e bispos» da Igreja, caso dos valdenses e dos cátaros, Francisco procurava a comunhão com a hierarquia no sentido da sua «reedificação» moral e da afirmação dos princípios católicos fundamentais.

Compareceu, entretanto, no quarto Concílio de Latrão, inaugurado a 11 de novembro de 1215 - concílio esse ecuménico e ao qual afluíram 71 patriarcas e bispos metropolitanos, 412 bispos e cerca de 900 abades e priores, tanto da Europa Ocidental, como da Oriental, para além de um número significativo de autoridades laicas que nele se fizeram representar - aí recolhendo as simpatias de Inocêncio III e de boa parte dos cardeais e prelados presentes. Lembre-se que neste Concílio participaram, também, alguns prelados portugueses nomeadamente o arcebispo de Braga, ao tempo, D. Estêvão Soares da Silva, e o bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas, aos quais seguramente Francisco e os seus companheiros não terão passado despercebidos².

Estas brevíssimas pinceladas sobre a biografia de Francisco resultam da composição histórica que eruditos especialistas sobre ele foram escrevendo, procurando momentos precisos que possam elucidar a vida e a obra do Santo de Assis. Francisco compôs orações que são poemas, cartas catequéticas aos fiéis e aos membros da Ordem, exortações e testamentos espirituais. Interveio também na composição dos textos legislativos e das regras da Ordem, uma boa parte desses textos, autênticos, não deixou todavia de conhecer redações que de alguma forma manifestam intervenções de outros autores que a exegética dos mesmos vai apurando. Manifestamente mais construídas e reconstruídas foram as biografias que os escritores da Ordem lhe dedicaram. Inicialmente, a biografia do Santo circulava na palavra oral dos testemunhos daqueles que com ele haviam convivido, caso de Frei Elias. Nos primeiros tempos após a sua morte, em 1226, circularam muitas «legendas» acerca de Francisco. Impôs-se, no contexto da sua canonização, em 1228, a redação autorizada das suas primeiras bio-hagiografias. Tomás de Celano escreveu

² Veja-se, *Conciliorum Oecumenicorum Decreta. A cura dell'Istituto per le Scienze Religiose. Edizione bilingue* (Cura de Giuseppe Alberigo, Giuseppe L. Dosseti, Perikles-P. Joannou, Claudio Leonardi e Paolo Prodi). Bolonha: Edizioni Dehoniane Bologna, 2002, pp. 226-271. Para os itinerários cronológicos de S. Francisco, seguimos o elenco exposto em *Fontes Franciscanas. I. S. Francisco de Assis*, cit., pp. 14-18. Sobre os prelados portugueses presentes no Concílio de Latrão de 1215, vd. ALMEIDA, Fortunado de - *História da Igreja em Portugal*. (Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres). Volume I. Porto: Portucalense Editorial, 1967, p. 249.

uma primeira *Vita* do Santo, em 1229, base esta que serviu a outros autores nas décadas de 1230 e seguintes. O próprio Tomás de Celano escreveria uma *Vida Segunda*, do Santo, na década de 1240, época em que apareceram outros escritos biográficos como a obra do Anónimo Perusino, a *Legenda Perusina* e a *Legenda dos Três Companheiros*. Boaventura, por seu lado, eleito ministro Geral da Ordem em 1257, fez redigir, nos anos de 1260, numa nova *vita*, a *Legenda Maior*, aprovada no Capítulo Geral de Pisa, em 1263. As biografias e recolhas de milagres do santo continuariam. Pertencem ao século XIV as obras *Espelho da Perfeição* (1318), os *Atos de S. Francisco* (1328-43) e as *Florinhas de S. Francisco* (1390-95)³.

Não é este tema, todavia, o que queremos expor neste momento. Apenas o afluamos para reconhecer que a vida de Francisco é, ainda hoje, passível de revisitações, reescritas, redescobertas de sentidos. Por exemplo, é historicamente significativo que as primeiras *vitae* de Francisco sejam pouco precisas em elementos cronológicos. O que importava aos seus redatores era o valor da ação e do exemplo apostólico de Francisco; registavam, pois, preferentemente, as atitudes, os episódios apologéticos, as mensagens espirituais, os acontecimentos maravilhosos que testemunhavam a santidade e o carisma evangelizador de Francisco, mais do que o dia-a-dia e a dimensão existencial real do Santo. Permita-se nos afirmar, também, que cada geração de frades foi reconhecendo e (re)elaborando a memória de Francisco.

Se, nos séculos medievais, se reconhecia e exaltava, na vida de Francisco, a sua pobreza, beatitude e o miraculismo lendário que a envolvia, já nos séculos XIX e XX, por exemplo, se procuraram os indícios mais reais de Francisco enquanto pessoa humana, e o significado da sua vida, entre inquietações e decisões, dúvidas e opções, na progressiva caminhada para a santidade. E não se diga que, nos séculos modernos, a visão de Francisco, pelos franciscanos, era a mais genuína, ou isenta de historicidade e de quadros mentais próprios desses séculos.

O sentido de exaltação e de triunfalismo com que Francisco foi visto, então, privilegiando os cronistas dessa época a imagem de um Francisco não só pobre, mas «pobre, humilde e obediente (...) ambaxador para a paz da terra, luz das gentes, consolação dos christãos, restaurador da virtude, firme columna da fee e amparo da Igreja», nas palavras, por exemplo, de Fr.

³ *Fontes Franciscanas. I. S. Francisco de Assis, passim*; e LE GOFF, Jacques - *S. Francisco de Assis*, cit., pp. 35 e seguintes.

Manuel da Esperança⁴, traduzido tantas vezes em expressões arquitetônicas e artísticas opulentas e magníficas, parece-nos, cremos, ter ficado muito distante do verdadeiro carisma espiritual do fundador da Ordem. E nem por isso, reconheça-se, a memória e a devoção de S. Francisco deixaram de despertar tantas novas vocações e vidas de penitência e de exemplaridade entre os claustros do burel franciscano.

Em 1217, portanto, partiram de Itália as missões que também atingiram o reino de Portugal. A 5 de maio desse ano, data do capítulo geral da Porciúncula, respirava-se em Portugal um tempo de fervor cruzadístico. Viviam-se os dias da expectativa pela conquista de Alcácer do Sal, momento em que bispos e prelados de ordens religiosas já instaladas imprecavam dos céus os favores divinos pela vitória das armas cristãs. Já em 1212, em Navas de Tolosa, o rei português D. Afonso II coadjuvara o exército cristão no recesso do avanço almóada na Península Ibérica; agora, em 1217, propalava-se, dos púlpitos do reino português, o apelo às armas para a reconquista do Alentejo. Foi nesse ambiente de efervescência militar e religiosa que chegou ao país o primeiro grupo de missão enviado por Francisco, tomando por lenda a viagem deste a Santiago em 1213 ou 1214.

Dessa primeira missão faziam parte Frei Zacarias e Frei Gualter⁵.

Tudo indica que o grupo de missão encontrou o rei em Coimbra, antes da deslocação deste para o sul do Tejo, onde, a 18 de outubro de 1217, alcançou tomar a fortaleza de Alcácer do Sal, acontecimento militar maior do seu reinado⁶. Frei Gualter dirigiu-se, depois, a Guimarães, para fundação de uma comunidade nesta vila, decerto com prévio acordo do arcebispo bracarense. Fr. Zacarias, por seu turno, desceria para Lisboa, parando em Alenquer, onde terá recebido apoio e proteção da Infanta D. Sancha. Alenquer e Lisboa são apontadas como terras com fundações franciscanas em 1217; da de Alenquer, há lastro documental que permite reconhecer-lhe autenticidade; já para Lisboa, a data de 1217 me parece mais difícil de defender, até porque

⁴ *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal. Primeira parte, que contem seu principio, & augmentos no estado primeiro de Custodia.* Lisboa: Oficina Craesbeeckiana, 1656, p. 1.

⁵ ESPERANÇA, Fr. Manoel da - *Historia Serafica...*, Parte I, pp. 58 e segs.

⁶ VILAR, Hermínia Vasconcelos - *D. Afonso II. Um rei sem tempo.* Lisboa: Círculo de Leitores, 2005, pp. 125-150.

a documentação efetivamente existente aponta para um quadro cronológico posterior, da década de 1240.

A primeira presença comunitária franciscana em Portugal aconteceu, pois, em Coimbra, seguida por Guimarães e Alenquer numa cronologia muito equipolente. A organização dos primeiros núcleos de franciscanos nestas terras terá contado com o recrutamento de vocações locais. Coimbra, por causa de ser cidade, então, de residência com maior permanência da corte régia, foi a cidade à qual se dirigiu a segunda missão franciscana saída de Itália, decerto em 1219, constituída inicialmente por seis frades (Vital, Berardo, Otão, Pedro, Acúrsio e Adjuto), dos quais, ficando Vital em Aragão, chegaram os restantes cinco a Portugal, animados por profundo zelo apostólico, os quais procuravam evangelizar em terras sujeitas ao domínio islâmico. Em Coimbra, os cinco missionários foram acolhidos pela esposa do rei, a rainha D. Urraca, partindo depois para Marrocos, onde foram martirizados no dia 16 de janeiro de 1220.

As comunidades de Coimbra, Guimarães e Alenquer, entretanto, foram edificando os seus primitivos conventos. O martírio dos cinco franciscanos em Marrocos, com a trasladação das suas ossadas para Coimbra, revestiu-se de comoção pública e foi fator que desencadeou um conjunto de novas vocações e entradas para a Ordem. A mais significativa e conhecida foi a do cônego crúzio Fernando de Bulhões, que abandonou o Mosteiro de Santa Cruz para se agregar à comunidade de Santo Antão, nos subúrbios da cidade⁷. Foi junto desta comunidade que a Infanta D. Sancha, em 1223, estabeleceu uma comunidade de religiosas enceladas, entretanto afiliada na Ordem de Cister, numa oportunidade que ainda não se revelava, naquele preciso momento, possível para um braço feminino franciscano em Coimbra⁸.

Os cronistas modernos da Ordem, à falta de bases documentais precisas para os outros lugares, elegeram o convento de Alenquer como o primeiro a

⁷ Vd. CAEIRO, Francisco da Gama - *Santo António de Lisboa*. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995; *Santo António de Lisboa. Obras Completas. Sermões Dominicais e Festivos. (Edição bilingue - Latim e Português)*. Introdução, tradução e notas de Henrique Pinto Rema. Prefácio de Jorge Borges de Macedo. Porto: Lello & Irmão Editores, 1987; *Fontes Franciscanas III - Santo António de Lisboa. Biografias. Sermões*, Vol. I, Braga: Editorial Franciscana, 1998; COELHO, Maria Helena da Cruz - Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra. In *Actas do Congresso Internacional "Pensamento e Testemunho" 8º Centenário do Nascimento de Santo António*. Braga, 1996, pp. 179-185.

⁸ MORUJÃO, Maria do Rosário - *Um Mosteiro Cisterciense Feminino. Santa Maria de Celas (Século XIII a XV)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001.

ser fundado, atribuindo-lhe a data de 1222⁹. Tornar-se-á relevante, dois séculos depois, que Alenquer tenha sido também um dos primeiros a optar pela reforma observante, assim se afirmando a sua marca de claustro de primeira fundação e refundação da autenticidade seráfica no seio da rede familiar franciscana dos séculos modernos. Mas, como expomos, a questão da primazia da presença franciscana em terras de Portugal deve eleger as cronologias das instalações das comunidades de missão e não propriamente as datas de começo ou conclusão da construção de equipamentos e edifícios conventuais¹⁰.

O martírio dos cinco frades franciscanos, em Marrocos, despertou o apelo franciscano no futuro Santo António de Pádua ou de Lisboa. Nesse tempo, multiplicaram-se os casos de mártires que não deixariam de impressionar intimamente os seus contemporâneos. Muitos desses «mártires contemporâneos» eram sufragados nos altares de catedrais e de mosteiros. Entre as fileiras franciscanas, recorde-se, para o ano de 1227, o episódio dos mártires de Ceuta e, em 1232, dos novos cinco mártires de Marrocos¹¹. Uma outra ordem religiosa muito atenta a essa causa, a da memória dos mártires recentes, era, sem diminuir o caso dos obituários das ordens religiosas militares, que todavia desconhecemos, a dos cônegos regrantes de Santo Agostinho.

Nos seus obituários recolhem-se vários e importante exemplos de episódios deste tipo como, por exemplo, para os seguintes dias:

9 de janeiro, «Obiit Dominicus Pelagii de Leirena frater Aegidii canonicis Sancte Crucis, et Iohannes, martyres et commemoratio eorum qui cum illis interfecti sunt in Ulmar» [granja de Ulmar, Verride?]¹²;

⁹ Esperança, Fr. Manoel da - *Historia Serafica...*, Parte I, pp. 69-79 *et passim*.

¹⁰ ARAÚJO, António de Sousa - “Nota Histórica. - Ordem dos Frades Menores”. SOUSA, Bernardo Vasconcelos e (Dir.) - *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento. Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, pp. 251-254 *et passim*. CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de - *A Ordem das Ordens Religiosas. Roteiro Identitário de Portugal (Séculos XII-XVIII)*. Lisboa: Ed. Caleidoscópio, 2017, pp. 145 e seguintes; MOREIRA, António Montes - “Franciscanos”. In AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, Vol. II, pp. 273-280; TEIXEIRA, Vítor - *O Movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): história, cultura e património de uma experiência de reforma religiosa*. Porto: Centro de Estudos Franciscanos e Braga: Editorial Franciscana, 2010.

¹¹ Estes novos cinco mártires de Marrocos foram Fr. Leão, Fr. Hugo, Fr. Domingos, Fr. João e Fr. Electo. Vd. ESPERANÇA, Fr. Manoel da - *Historia Serafica...*, pp. 316-320 e 356.

¹² Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - Ms. 1629, fl. 9; CARDOSO, Jorge - *Agológico Lusitano*. Edição fac-similada. Tomo I, Porto, 2002, p. 93.

17 de fevereiro, «Commemoratio illorum qui in exustione de Cea sunt mortui»¹³ ou «Obiit D. Pelagius Godini canonicus Sancte Crucis 1^{us} prior de Ceya ubi cum aliis canonicis pro fide catholice a mauris est combustus.»¹⁴

18 de fevereiro, «Obiit Martinus Petri, frater S. Petri canonici Sancte Crucis qui mortuus est apud Marrochios, et alii multi, qui cum eo interfecti sunt a sarracenis»¹⁵ e «Obiit D. Petrus praesbiter canonicus Sancte Crucis qui cum aliis apud Marrochium a sarracenis pro fide est interfectus.»¹⁶

16 de julho, «Commemoratio interfectorum de regno Portugaliae a sarraceni apud Navas Tolosae»¹⁷;

18 de julho, «Comemoratio Gonsalui Egee magistri fratrum de Elbora et eorum qui cum eo mortui sunt»¹⁸;

23 de julho, «Obiit Gonsaluus Egee et commemoratio eorum qui cum eo passi sunt»¹⁹;

26 de julho, «Obiit Gometius Ramiriz magister Templi militie et commemoratio eorum qui cum eo mortui sunt pro domino»²⁰;

5 de agosto, «Obiit Nicolaus Iohannis frater Alfonsi Iohannis canonicis Sancte Crucis qui mortuus est in terra sarracenorum, et alii qui cum eo interfecti sunt sancti»²¹;

15 de agosto, «Obiit D. Alphonsus canonicus Sancte Crucis qui mortuus est in terra sarracenorum et alii qui pro fide interfecti sunt sancti - 1154»²².

¹³ CARDOSO, Jorge - *Agiológico Lusitano*. Tomo 1, p. 459.

¹⁴ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - Ms. 1629, fl. 28v.

¹⁵ BPMP - Obituário de S. Vicente de Fora, fl. 51.

¹⁶ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - Ms. 1629, fl. 29.

¹⁷ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - Ms. 1629, fl. 103.

¹⁸ BPMP - Obituário de S. Vicente de Fora, fl. 49. (D. Gonçalo Viegas [de Lanhoso] surge ligado à Milícia de Évora por 1175-1176. Terá falecido na Batalha de Alarcos, ocorrida justamente a 18 de julho de 1195. vd. AZEVEDO, Rui Pinto de - “Primórdios da Ordem Militar de Évora”. *Boletim da Junta Distrital de Évora*, Nº 48 (1967), pp. 49-53; OLIVEIRA, Luís Filipe - “Ordem Militar de Avis”. In SOUSA, Bernardo Vasconcelos e (Dir.) - *Ordens Religiosas em Portugal. Guia Histórico. Das Origens a Trento*. Lisboa: Ed. Horizonte, 2005, pp. 487-488.

¹⁹ BPMP - Obituário de S. Vicente de Fora, fl. 50v. (O Mestre D. Gomes Ramires vem registado em documentos de 1209-1212. Vd. SANTA ROSA DE VITERBO, Fr. Joaquim de - *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usarão e que hoje regularmente se ignorão...*, Tomo II, Lisboa: Tipografia Régia Silviana, 1799, p. 363.

²⁰ BPMP - Obituário de S. Vicente de Fora, fl. 51.

²¹ CARDOSO, Jorge - *Agiológico Lusitano*, Tomo I, cit., 72.

²² Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - Ms. 1629, fl. 118v.

Francisco procurou a missão no ultramar infiel; o mesmo fizeram os vários mártires das primeiras gerações franciscanas, próximas, aliás, do tempo histórico em que decorreram os últimos anos da vida de S. Francisco; itinerário idêntico se propunha fazer, agora, como se sabe, o egresso crúzio Fernando Martins de Bulhões, António, de nome de profissão entres, regulares minoritas. O destino reservar-lhe-ia outro caminho de santidade, mas não deixa de ser significativo dos primeiros impatos da mensagem de Francisco em terras portuguesas: o zelo ardente e combativo pela pregação e conversão cristãs e, segundo e sequência deste, anunciar o Reino dos Céus com a dádiva extrema da própria vida pelo martírio, se necessário.

As primeiras instalações dos missionários franciscanos fizeram-se nos subúrbios das cidades e vilas, comunidades estas em que os primeiros irmãos viviam os seus dias das esmolos e mendicância que os habitantes e vizinhos desses lugares lhes davam

Em Coimbra, os primeiros franciscanos recolheram-se à albergaria de Santo Antão; em Alenquer, começaram por ficar na ermida de Santa Catarina e, em Guimarães, foi também no sopé da Serra chamada então de Santa Catarina que Frei Gualter, amante da solidão, ao que parece, começou por se estabelecer. É provável que nestes locais existissem hospitais de pobres e peregrinos ou mesmo albergarias. No caso de Coimbra assim era e, em Guimarães, os primeiros franciscanos ganharam as simpatias da população trabalhando justamente na assistência aos pobres na Albergaria junto à Torre Velha. Às primeiras instalações sucederam, nas décadas seguintes, conventos de construção mais sólida, em lugares mais adequados junto ou plenamente integrados nas cidades e vilas, e com igrejas tendencialmente amplas, rodeadas de adros e terreiros, com ou sem púlpitos para pregações, com os seus espaços de cemitério para os próprios frades e também para os benfeitores das casas.

Ao que parece, haveria presença franciscana em Évora no ano de 1224, data também ela discutível. Mais seguras são as fundações dos conventos de Leiria (1231-1232), Porto (1233), Covilhã (1235), Guarda (1236), Estremoz (1239), Santarém (c.1242-1246), Portalegre (1266), Bragança (1271), Lamego (1271-79), Beja (1272-90) e um hospício, em Braga, existente em 1273. Datarão desse período tentativas de fundações franciscanas em Montemor-o-Velho e em Penela, sem, todavia, terem vingado. Os conventos algarvios de Tavira e de Loulé terão sido estabelecidos muito provavelmente nos finais do século XIII.

Estamos já numa nova fase desta história franciscana em Portugal, a qual se desenrola justamente a partir de começos da década de 1230, depois das canonizações de Francisco (1228) e de António de Pádua ou Lisboa (1232), num tempo já da segunda geração de frades, em que as novas fundações conventuais são protagonizadas, agora, por portugueses e não por missões oriundas da Itália de Francisco.

Na década de 1230, a Província da *Hispania* foi dividida em três outras: Aragão, Castela e Santiago. Nesta última se integraram os conventos da custódia de Portugal. Em 1272, a custódia de Portugal desmembrou-se nas custódias de Lisboa, com sete casas (Alenquer, Évora, Leiria, Santarém, Lisboa, Portalegre e Estremoz) e de Coimbra, com seis claustros (Coimbra, Guimarães, Porto, Covilhã, Guarda e Lamego). Bragança integrava, então, a custódia de Orense. Em 1330 surgiria a custódia de Évora, com os conventos de Évora, Beja, Estremoz, Portalegre, Tavira e Loulé.

Pertence a esta segunda fase da história franciscana portuguesa a fundação de comunidades femininas de clarissas. Em 1258, uma comunidade de devotas recebeu bula com a regra de Santa Clara, em Lamego; nesse mesmo momento, igual instituição foi feita em Entre-os-Rios, fundação patrocinada por D. Chamoá Gomes, para a qual se deslocaram três monjas clarissas oriundas de Zamora. As ocupantes da casa de Lamego foram transferidas, logo em 1259, para Santarém. O convento de Santa Clara de Lisboa foi fundado em 1288. Em Coimbra, D. Mor Dias patrocina uma clausura clarissa, em 1283-86, que se manteve até 1311. Depois disso, foi somente em 1317-18 que nesse mesmo espaço monástico se revigorará, agora apoiada pelo braço forte da rainha D. Isabel, nova e mais definitiva comunidade de monjas, para cujo princípio vieram algumas religiosas de Zamora. Foi também em 1318 que se estabeleceu o convento de Santa Clara de Vila do Conde. Depois e até finais da Idade Média, foram fundados conventos de Santa Clara em Beja (1343-45), Guarda (1344), Portalegre (1370), Amarante (1389...), Estremoz (1425-28), Évora (1458), Beja (1459), Funchal (1476) e Setúbal (1489). O Convento de Entre-os-Rios mudou-se para o Porto em 1416²³.

²³ Vd. ANDRADE, Filomena - "O processo fundacional dos conventos de clarissas no Portugal medieval". In VIFORCOS MARINAS, Maria Isabel e SÁNCHEZ-BORDONA, Maria Dolores Campos (Coords.) - *Fundadores, fundaciones y espacios de vida conventual. Nuevas aportaciones al monacato femenino*. León: Universidad de León, 2005, pp. 79-101; IDEM - *In Oboedientia, sine proprio et in castitate, sub clausura. A ordem de Santa Clara em Portugal (Séculos*

Foi, ainda, nesta fase, que se começaram a propalar células de terceiros minoritas no país. Em 1232 existiriam aqui, de fato, alguns núcleos de terceiros, a estar correta a bula *Cum illorum*, de Gregório IX, de 22 de abril desse ano, concedendo aos terceiros da *Hispania* o poderem ser admitidos aos ofícios divinos em período de interdito²⁴.

Em 1500, pertencia à Ordem de S. Francisco o maior número de casas conventuais em Portugal, como se pode observar dos quadros seguintes:²⁵

Mosteiros em Portugal, por Ordens Religiosas, em 1500²⁵			
Ordens	Masculinos	Femininos	Total
OSB	40	18	58
OCit	16	8	24
CRSA	34	4	38
Premonstr.	2	-	2
Stº Sepulcro	2	-	2
Santo Antão	3	-	3
Roncesvales	1	-	1
S. João Evg.	6	-	6
S. Paulo	18	-	18
OFM	53	18	71
OP	14	6	20
OESA	6	1	7
OSH	5	-	5
Ord Carm	4	-	4
Trinitários	6	-	6
Mercedários	1	-	1
Ord. Militares	4	2	5
Totais	215	57	272

XIII e XIV). Dissertação de doutoramento em História, policopiada. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2011.

²⁴ Hist. Seráfica, I, p. 250.

²⁵ Levantamento efetuado a partir de: SOUSA, Bernardo Vasconcelos e (Dir.) - *Ordens Religiosas em Portugal. Das origens a Trento - Guia Histórico, passim*.

Abaixo da Ordem de S. Francisco, estavam os claustros das ordens monásticas não mendicantes, como sucedia com os beneditinos e com os cônegos regrantes de Santo Agostinho e, ainda, com os cistercienses. Entre as comunidades regulares de tradição mendicante, vinham, mas com um número de casas bem inferior ao dos minoritas, os frades pregadores, os eremitas de Santos Agostinho, os hieronomitas e os carmelitas.

Até meados da década de 1580, foram fundadas 97 novas casas conventuais franciscanas em Portugal (58 masculinas e 39 femininas). Esta Centúria de Quinhentos foi, deste ponto de vista, o «século de ouro» do franciscanismo português. Nunca nenhuma ordem monástica lograra, em Portugal, até então e mesmo nos tempos futuros, um conjunto tão significativo de casas.

O. F. M.	M. - Santo António e Sines: 1504
	M. - Nossa Senhora do Loreto de Santiago do Cacém: 1505
	M. - Nossa Senhora da Consolação do Bosque de Borba: 1505
	F. - Madre de Deus de Xabregas de Lisboa: 1508
	M. - S. Francisco de Goa: 1510
	M. - Santa Bárbara de Chaul: 1511
	F. - Nossa Senhora da Luz da Praia da Vitória: 1512
	F. - Bom Jesus de Monforte: 1513
	M. - S. vicente do Cabo: c. 1516
	M. - S. Francisco de Elvas: 1518
	M. - Nossa Senhora do Loreto de Lagos: 1518
	M. - S. Francisco de Silves: 1518
	M. - Nossa Senhora da Piedade de Santa Cruz: 1518-1527
	M. - Santo António do Pinheiro da Chamusca: 1519
	F. - Nossa Senhora da Assunção de Faro: 1519
	F. - Nossa Senhora da Conceição de Vale de Cabaços: c. 1520
	F. - Santa Clara de Moura: 1520
	M. - Santo Onofre da Golegã: 1520-1527
	M. - Nossa Senhora da Encarnação de Vila do Conde: 1522
	M. - Santo António de Portalegre: 1522
	M. - Nossa Senhora do Rosário da Horta: c. 1522
	M. - S. Frutuoso de Real de Braga: 1523
	M. - Santo António de Alcácer do Sal: 1524
	M. - Santo António de Aveiro: 1524

O. F. M.	<p>F. - Santa Iria de Tomar: 1523</p> <p>F. - Nossa Senhora da Piedade da Esperança de Lisboa: 1524</p> <p>M. - Espírito Santo do Cartaxo: 1525</p> <p>M. - Santo António de Ferreirim de Tarouca: 1525</p> <p>M. - S. Francisco de Ponta Delgada: 1525</p> <p>F. - N. Senhora da Subserra da Castanheira do Ribatejo: c. 1525</p> <p>F. - Salvador de Évora: ...1525</p> <p>F. - Santa Clara de Elvas: 1526</p> <p>M. - Nossa Senhora da Natividade do Seixo do Fundão: 1526</p> <p>M. - Santo António de Abrantes: 1526</p> <p>M. - Nossa Senhora da Anunciada de Tomar: ...1526</p> <p>M. - Santo António da Figueira da Foz: 1527</p> <p>M. - Santo António de Cascais: 1527</p> <p>F. - Nossa Senhora da Piedade de Viana do Alentejo: 1528</p> <p>M. - S. Francisco de Faro: 1529</p> <p>M. - Nossa Senhora da Esperança de Vila Nova de Portimão: 1530</p> <p>M. - Santo António de Odemira: 1531</p> <p>M. - Santo António de Baçaim: 1532</p> <p>F. - Santo André de Vila Franca do Campo: c. 1533</p> <p>F. - Madre de Deus de Monchique de Miragaia: 1533</p> <p>M. - Nossa Senhora dos Mártires de Alvito: 1534</p> <p>F. - Chagas de Vila Viçosa: 1534-1535</p> <p>M. - Colégio de S. Boaventura de Coimbra: 1535-1543</p> <p>M. - Nossa Senhora da Consolação de Monforte: 1536</p> <p>F. - Espírito Santo de Torres Novas: 1536</p> <p>F. - Santa Clara de Trancoso: 1537</p> <p>M. - Santo António de Estremoz: 1537</p> <p>F. - S. Gonçalo de Amarante de Angra do Heroísmo: 1537-1545</p> <p>F. S. João Baptista do Faial: 1538</p> <p>M. - Nossa Senhora da Visitação de Vila Verde dos Francos: 1540</p> <p>M. - Colégio de S. Pedro e dos Franciscanos Calçados ou Terceiros ou dos Borrás (Coimbra): [1540-1572]</p> <p>F. - Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: 1541</p> <p>M. - Colégio S. João Evangelista de Coimbra: 1542-1543</p> <p>M. - Nossa Senhora da Piedade de Salvaterra de Magos: 1542</p> <p>M. - Nossa senhora dos Prazeres de Palhais: 1542</p>
----------	--

O. F. M.	<p>M. - Nossa Senhora da Serra da Arrábida: 1542 F. - Convento de Santa Ana de Lisboa: 1543 F. - Santo Nome de Jesus da Ribeira Grande: 1543 M. - Bom Jesus de Valverde: 1544 F. - Nossa Senhora dos Remédios, Piedade e Madre de Deus de Braga: 1544 M. - Nossa Senhora da Assunção da Vidigueira: 1545 M. - S. Francisco de Moura: 1547 M. - S. Francisco de Portel: 1547 F. - Nossa Senhora da Esperança de Abrantes: 1548 F. - Santa Clara de Guimarães: 1548 F. - Nossa Senhora da Consolação de Figueiró dos Vinhos: 1549 M. - Nossa Senhora da Piedade da Caparica: 1550 M. - Colégio de São Boaventura ou dos Pimentas (Coimbra): 1550 F. - Nossa Senhora do Couto de Gouveia: 1551 M. - Santa Catarina de Ribamar: 1551 F. - Nossa Senhora da Conceição de Alenquer: 1553 M. - Santo António da Covilhã: 1553 M. - Nossa Senhora do Amparo da Casa Nova: c. 1553 M. - S. Francisco do Vimeiro: 1554 F. - Nossa Senhora da Esperança de Vila Viçosa: 1555 M. - Santa Maria de Jesus de Vale de Figueira: 1556 F. - Nossa Senhora do Loreto de Almeida: 1556 F. - Nossa Senhora da Esperança de Angra do Heroísmo: 1557 M. - S. José de Ribamar: 1559 M. - Santa Cruz da Serra de Sintra: 1560 M. - Nossa Senhora do Egípto de Torres Novas: 1560-1562 F. - Nossa Senhora dos Poderes de Vialonga: 1560-1572 F. - Nossa Senhora da Misericórdia de Caminha: 1561 F. - Convento de Aljustrel:...1561 M. - Santo António de Castelo Branco: 1562 F. - S. Francisco de Monção: 1563 M. - N. Senhora da Esperança de Belmonte: 1564 F. - S. Francisco de São Vicente da Beira. 1564-1572 M. - Santa Maria Madalena de Alcobaça: 1566 M. - Nossa Senhora da Piedade da Messejana: 1567 F. - Santo André de Ponta Delgada: 1567-1585 F. - Chagas da Praia da Vitória: 1582</p>
----------	---

É certo que esta disseminação dos claustros franciscanos, masculinos e femininos, por todo o reino continental e arquipélagos atlânticos, com alguma presença, ainda, em Marrocos, traduz o entrecruzamento da sociedade portuguesa do Antigo Regime com os modelos pastorais desenvolvidos e oferecidos pelos frades menores. A apologia da rigorosa pobreza, tradicional nesta Ordem, as suas práticas espirituais com elementos radicais que iam do misticismo mais extremo e eremítico à dimensão populista dos miraculismos, a inspiração permanente dos seus religiosos em torno da figura patriarcal do Fundador, a tolerância da ordem para com o surgimento de novos braços reformados, a integração dos religiosos franciscanos no serviço pastoral das dioceses, a dimensão das suas casas, em geral desprovidas de património temporal significativo, entre outros fatores, ajudam a explicar este fenómeno histórico religioso dos irmãos no hábito de S. Francisco.

Nem todos esses conventos, por outro lado, teriam populações numerosas. Mas essa parece ser a regra, em termos do monaquismo português, só excepcionalmente contrariada por exemplos das casas mães com comunidades de religiosos mais elevadas em número ou, ainda, por um conjunto de claustros femininos de clarissas, destinados às filhas das aristocracias da sociedade portuguesa moderna, nas quais o número de residentes podia ser efetivamente elevado. Não seria, cremos, a regra.

Este crescimento não deixou de refletir as reformas institucionais que a Ordem foi sofrendo dentro e fora do país. É neste contexto que deveremos compreender o fenómeno da multiplicação das províncias franciscanas em Portugal. Em 1517, a Ordem bipolariza-se entre Frades Menores da Regular Observância e os Frades Menores Conventuais. A Regular Observância, com 27 claustros em Portugal, tinha o seu centro no Convento de São Francisco de Lisboa; a Província dos Conventuais, com 22 casas, tinha a sede no Convento de São Francisco do Porto. Em 1567, por diligência do Cardeal D. Henrique, os conventuais franciscanos portugueses foram integrados na província dos Observantes. Em 1525 apareceu, em Itália a Ordem dos Capuchinhos, aprovada pelo papa Clemente VII, três anos depois.

Em 1517, os conventuais franciscanos portugueses formavam uma província, passando a duas em 1532-33 com o estabelecimento da província dos Algarves e a três, em 1639-40, com a criação da Província de São João Evangelista. No final do século XVII, foi erigida a Custódia de São Tiago Menor (1683 e 1702), logo depois a da Conceição (1715-17). Entre os Frades Observantes, as «autonomias»

foram mais constantes, dando origem à província da Piedade (1517-18), fundada debaixo da égide espiritual de Fr. João de Guadalupe, da Arrábida (1560), também iniciada por um frade espanhol de Cartagena, Fr. Martinho de Santa Maria, a que se associou o futuro São Pedro de Alcântara, recebendo os seus frades o nome de Capuchos, chegando a ter Constituições próprias em 1642; a Província de Santo António (1568), a da Soledade (1673) e a da Conceição (1705-1706). A Ordem Terceira Regular cresceu também em Quinhentos, tendo 17 conventos em 1739 e passando a Congregação autónoma em 1780.

Segundo Fr. Manoel da Esperança, para a década de 1650, quando publicou a sua primeira parte da História Seráfica, a Ordem contava, em Portugal continental, 154 casas masculinas e 61 de monjas, conforme o seguinte quadro:

Casas conventuais da Ordem de S. Francisco, em Portugal e Império, cerca de 1650, segundo Fr. Manoel da Esperança (<i>História Seráfica</i>, I, pp. 15-16)			
Província	Conventos masculinos	Conventos femininos	Total
Portugal	30	29	59
Piedade	35	-	35
Algarves	33	18	51
Arrábida	19 + vigairaria do Hospital de Lisboa	-	20
Santo António	20 + 3 oratórios	-	23
Ordem Terceira	15	2	17
Obediências a bispos	-	8 + 3 de terceiras + 1 Conceição	12
Capuchinhos Franceses	1 residência	-	1
Açores: S. João Evangelista	14	6 + 2 conventos sujeitos a jurisdição episcopal	18
Maranhão (Brasil)	1 custódia	-	-
Angola	1 da 3ª Ordem	-	1
Índia: província de S. Tomé Custódia de Cochim Custódia de Malaca	11 + 3 vigairarias, + 6 colégios e 140 reitorias	-	20 casas e 140 reitorados
Macau	1	1	2

Por essa mesma década de 1650, estavam em processo de fundação, ou para nascer, casas em Viana, Aveiro, Soure, Vilar do Paraíso (a uma légua do Porto), Mesão Frio, Mirandela e Pinhel e, ainda, dois mosteiros de freiras descalças em Viseu e na Covilhã. Ainda neste momento, os franciscanos haviam abandonado os seus claustros em Loulé - transferido para os eremitas de Santo Agostinho - Castelo Branco, Monfortinho (Idanha), Algosó (Miranda do Douro), e suprimido casas femininas em Tânger, Fez, Ceuta, Safim, Arzila e Marrocos²⁶. As casas em funcionamento e aquelas cujas fundações iam decorrendo nesse tempo, como se observa dos dados expostos, compensavam largamente o número de casas abandonadas ou mesmo suprimidas.

Em 1740, segundo Fr. Apolinário da Conceição, os franciscanos em Portugal atingiam o número considerável de 4499 religiosos. Nas terras de missão do Império, foi fundada a custódia de Santo António, no Brasil, em 1585, e, no século seguinte, as Províncias de Santo António de Olinda, depois, da Bahia, em 1657, e a da Imaculada Conceição do Rio de Janeiro, em 1675. Na Índia, formou-se uma Custódia franciscana em 1542, nascendo depois as Províncias de São Tomé (1583-1619) e da Madre de Deus (1622-1629), com sede em Goa. Havia, também, uma missão de Cabo Verde e da Guiné em 1656. Também em Macau, como se referiu, existiam, por volta de 1650, duas casas franciscanas.

A presença franciscana não se fazia, apenas, pela existência de conventos e de colégios. Ela diversificou-se bastante, nas suas formas de se fazer presente, por todo o Império português, aliás, nos séculos modernos. Em pleno século XVIII, a Ordem organizava-se em províncias, custódias e vice-custódias, comissariados e prefeituras, adentro das quais se multiplicavam conventos e oratórios, noviciados, seminários, colégios e casas de estudos, hospícios, recolhimentos, enfermarias, missões e ainda paróquias²⁷.

A tendência para novas fundações, pelo menos no Portugal continental, diminuirá depois de Quinhentos. Os dados estatísticos permitem falar de um excesso de fundações que conduziria a uma crise interna franciscana, manifestada por sintomas de decadência, como assinala António Montes Moreira, que se traduziam na deficiência vocacional, masculina e feminina, na quebra da disciplina, na ociosidade, nas administrações económicas deficientes das

²⁶ ESPERANÇA, Fr. Manoel da - *História Serafica...*, Tomo I, pp. 14-16.

²⁷ Veja-se uma relação destas casas, para cerca de 1754, quando os franciscanos portugueses, dentro e fora da metrópole, ascenderiam a 13 394 almas, em JOSÉ, Fr. Pedro de Jesus Maria - *Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada...*, cit., pp. 80-81.

casas, na estagnação da vida intelectual, na quebra do ideal missionário, na conflitualidade e na rivalidade entre províncias e casas da ordem com as outras ordens religiosas. Não é sem razão que os fumos negativos do «freiratismo» se levantaram sobremodo no Portugal Setecentista, motivando o sarcasmo crítico das gerações de Oitocentos e, ainda, de um certo jacobinismo contemporâneo²⁸.

Apesar deste ambiente de crise, há que reconhecer que foi entre os frades franciscanos que se recrutaram alguns dos prelados mais zelosos da época, como sucedeu com D. Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga ou com D. Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas.

No momento da extinção das Ordens Religiosas, o que sucedeu entre 1832 e 1834, Portugal contava aproximadamente 500 claustros, mais precisamente, segundo as contas de Manuel Bernardes Branco, publicadas em 1887, 474 casas entre, 379 das quais masculinas e 95 femininas. Dos ramos franciscanos em Portugal, enumeravam-se 21 conventos da Terceira Ordem, 47 da Província do Algarve, 53 da Província de Portugal, 21 na da Arrábida e outros tantos na da Conceição, 20 casas na Província da Piedade, 19 na da Soledade, 15 na de Santo António dos Capuchos, e, finalmente, uma casa conventual dos Missionários Apostólicos de Brancanes, outra dos de Vinhais, e, ainda, um claustro para cada um dos seguintes braços: Varatojanos, Mesão Frio, Capuchos Franceses e Capuchos Barbadinhos ou Italianos.

Claustros franciscanos em Portugal em 1834, segundo Manuel Bernardes Branco, <i>Historia das ordens monasticas em Portugal. 3 vols., Lisboa, 1888</i>			
Ordem e/ou província	Masculinos	Femininos	Total
3ª Ordem de S. Francisco	19	2	21
Província do Algarve	31	16	47
Província da Arrábida	21	-	21
Província de Stº António dos Capuchos	15	-	15
Província da Conceição	21	-	21
Província da Piedade	20	-	20
Província de Portugal	28	25	53
Província da Soledade	19	-	19

²⁸ HATHERLY, Ana - “Amor e libertinagem no período barroco: os freiráticos”. In MEDINA, João (Dir.) - *História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Vol. IX - 2. Lisboa: Ediclube, 2004, pp. 73-119.

Missionários Apostólicos de Brancanes	1	-	1
Missionários de Vinhais	1	-	1
Varatojanos	1	-	1
Mesão Frio	1	-	1
Capuchos franceses	1	-	1
Capuchos italianos ou barbadinhos	1	-	1
Totais	180	43	223

Em 1861, todavia, Portugal voltou a conhecer uma presença institucional franciscana organizada que se manteve até à atualidade. Nunca deixou de haver, todavia, uma forte presença franciscana no país, mesmo e durante o período dos «egressos», ou seja, os anos que medeiam entre 1834 e a restauração em 1861, a partir do Varatojo, com a reinstituição da Província de Portugal, em 1891.

Todos estes elementos permitem reconhecer que a Ordem Franciscana teve profunda implantação em Portugal e foi, na história monástica do país, o caso de maior impacto e, diremos, sucesso. Cumpre refletir no porquê desta realidade histórica. Não será, decerto, caso único. É provável que, noutros países, o balanço do legado monástico seja semelhante ao português em que a primazia franciscana foi um fenómeno estruturante dos quadros da vida religiosa do país.

Como interpretar este fenómeno histórico religioso?

Inspiração de São Francisco, dirão os mais crentes; razões sociais, económicas e culturais, replicarão muitos historiadores com olhares mais distanciados da crença neste particular; mérito da ação e da dinâmica interna à própria comunidade franciscana nas suas ordens plurais, proporão os irmãos no hábito de Francisco.

O que fez, todavia, e apesar de todas as crises e dificuldades, este sucesso histórico?

Não há uma resposta única para elucidar esta questão, mas antes várias. Entre elas, considere-se o serviço pastoral das sucessivas gerações de franciscanos à sociedade em que viveram; a sua proposta de vida em humildade e em pobreza evangélica; a sua capacidade de integração, nas suas fileiras, de todos os estratos sociais desde os mais humildes e pobres aos mais ricos e poderosos.

É possível que uma das razões do sucesso franciscano derive também de uma dimensão antropológica cultural própria do povo português, das formas como vive e experiencia o fenómeno religioso em que as expetativas miraculistas e

de esperança messiânica, espiritista e trinitária, no alcance do prémio ou da graça divina, desempenham um papel dinamizador e motivador. Nenhum santo parece merecer tanto a atenção esperançosa dos portugueses como, por exemplo, Santo António. O gosto português, por exemplo, pelas festas natalícias e pelo Presépio, popularizado em muitas formas do artesanato popular, e, ainda, pela vivência emotiva do ciclo pascal, caso das procissões dos Passos, denunciam o filão inspirador franciscano. O mesmo se pode afirmar das devoções pentecostais populares, caso das festividades comemorativas do Espírito Santo e dos Impérios.

Fernão Lopes atesta a importância da ação franciscana na Crise de 1383-1385, momento de refundação da independência de Portugal, refluorescente «na boa e mansa oliveira portuguesa». Alude o cronista, no capítulo 159 da primeira parte da sua *Crónica de D. João I*, ao «Evangelho português», para, quatro capítulos depois, abonar a sua crença na nova idade, a «Sétima Idade», a do Espírito Santo, inaugurada pelo novo rei de Portugal, D. João, com o apoio de D. Nuno Álvares Pereira, projetado pelo genial cronista como novo apóstolo Pedro. O «Evangelho português», em Fernão Lopes, é simplesmente o anúncio de que a verdadeira Igreja era a de Roma. Mas a sua alegoria não deixou de ser retomada, renovada e ampliada por outras gerações de intelectuais portugueses, entre eles o Pe. António Vieira, Jaime Cortesão e Agostinho Silva, que viram na religiosidade dominante do povo português os indícios da proposta espiritual de Francisco de Assis: anunciar o Evangelho por toda a parte e fundar uma nova Era, um novo, próspero e utópico Império, na longa história da Humanidade²⁹.

Os filhos da Ordem franciscana são filhos das suas terras e das famílias em que nasceram; falam as suas línguas, conhecem os seus afetos, comungam das suas esperanças. O fenómeno é dialético, da Ordem para fora e de fora para dentro da Ordem. Os ideais de Francisco foram sendo interpretados por cada nova geração à luz da sua própria época. O exercício pastoral franciscano atraiu desde cedo as populações, sobretudo as mais urbanas, mas também as das hierarquias nobiliárquicas. Ao apostolado pela pregação, os franciscanos associavam a oferta de uma pastoral suficientemente próxima das pessoas para as motivar e provocar nelas a adesão a esta cultura da oração pela ação e pela solidariedade.

²⁹ LOPES, Fernão - *Crónica del-rei D. João I, da Boa Memória*. Reprodução facsimilada da edição do Arquivo Histórico Português (1915) preparada por Anselmo Braamcamp Freire. Prefácio por Luís F. Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1977, pp. 298-300 e 307-309.

Nas igrejas franciscanas multiplicaram-se rapidamente os altares para celebração de missas e sobremodo de missas de sufrágio; muitos leigos quiseram receber sepultura no hábito franciscano e descansar o sono eterno nos cemitérios dos seus conventos. As suas enfermarias e boticas auxiliavam os enfermos a recobrem a saúde, as suas hospedarias e os seus hospícios acolhiam peregrinos e necessitados; muitos endividados encontraram nos montes pios uma das saídas para as suas dificuldades. As ansiedades espirituais dos fiéis encontravam, ainda, na palavra destes frades e nas suas propostas confraternais, a resposta e o alento para a firmeza da Fé. Com as dádivas e doações piedosas dos fiéis, tornou-se possível ampliar igrejas e adorná-las para maior glória de Deus e edificação da sua Igreja e dos seus fiéis.

À teologia franciscana se deve, em boa medida, a força dos movimentos espirituais laicos da *devotio moderna*; como foi graças ao seu esforço espiritual que se tornou mais compreensível o contributo mariano na mediação da reconciliação dos homens com Deus. Nem tudo foram luzes na história dos franciscanos, e, em determinados momentos, muitos franciscanos ter-se-ão afastado do verdadeiro espírito do seu Fundador. Se teço, aqui, estas considerações finais, é porque penso que não se pode compreender a história da Ordem dos Frades Menores sem compreender os seus princípios espirituais, a sua apolégica e o sentido da sua ação pastoral e missionária.

No passado, muitos portugueses, homens e mulheres, encontraram, na herança de Francisco, o esteiro das suas utopias, das suas crenças, da sua força de viver e um modo de «amar a Deus». Muitos desses frades e monjas e irmãos leigos contribuíram, também, para engrandecer a Ordem e torná-la em alfobre de santos de culto popular em Portugal e nos seus antigos territórios coloniais, tais como Gualter, os Mártires de Marrocos, António de Lisboa e de Pádua e de Coimbra; Isabel, rainha de Portugal, os irmãos Beatriz e Amadeu da Silva, Gonçalo Garcia, António de Sant' Ana Galvão, Maria Clara do Menino Jesus... No domínio da história política, não esqueçamos o rol de franciscanos conselheiros e confessores de reis e de rainhas, de infantes, de príncipes e de altos magnates dos séculos medievos e modernos portugueses; no domínio cultural, ainda, se encontram franciscanos que serviram, dentro e fora da Universidade e dos seus colégios, de modo exemplar, a Ordem e o país³⁰.

³⁰ V.g., LOPES, Frei Fernando Félix - *Colectânea de Estudos de História e Literatura*. Volume II. *A Ordem Franciscana na História e Cultura Portuguesa*. Lisboa: Academia Portuguesa da

Em muitos momentos foi preciso redescobrir a vitalidade do legado espiritual e humano de Francisco, os caminhos da sua observância e o sentido do seu legado de solidariedade para com os mais pobres, frágeis e desprotegidos; isso aconteceu no passado, e há que reconhecer que, nos nossos dias, o sentido profético de Francisco continua a contribuir para tornar mais humano, mais justo e mais digno o mundo difícil em que vivemos.